Do mestre e do seu discípulo

Luciano Zajdsznajder

A ação educativa, hoje já se sabe, não ocorre apenas no interior dos sistemas de ensino e pode estar ocorrendo cada vez menos nesta série de canais e de túneis, cuja face labiríntica, que não é felizmente a sua única face, muitas vezes se revela. Os sistemas de ensino buscam institucionalizar e assim controlar certas formas de relacionamento humano e social, que os precederam e que os irão suceder. Estas formas de relacionamento têm sido as que mantêm entre si o treinador e o treinado, o professor e o aluno, o mestre e o discípulo.

O conhecimento destas formas deve permitir um exame dos sistemas de ensino de modo a verificar até que ponto uma fidelidade é mantida ou reforçadamente perdida. O seu esquecimento, que é possível e muitas vezes provável, resulta em confusões e ilusões danosas. Portanto, é imprescindível sua reiterada recuperação.

Destas três formas, aqui se examina aquela que mantém entre si o mestre e o discípulo. A suposição básica, que permitiu que a descrição e a análise se realizassem, é que esta forma, como as demais, existe como possibilidade em todos nós, e forma uma cadeia ascendente nos percursos por que a nossa consciência envereda tanto no conhecimento quanto na ação. A determinação do que seja a relação mestre-discípulo necessita das outras, como etapas a serem superadas, isto é, negadas e mantidas.

Conhecemos o treinador, o professor e o mestre. O treinador ensina movimentos — do corpo ou da mente — até que um automatismo se imponha. O professor ensina conteúdos e evidentemente os movimentos no interior dos conteúdos. É também treinador porque tem por objetivo desenvolver automatismos; mas vai além, porque pretende que o aluno se mova sozinho no interior do conteúdo. Está, portanto, interessado em algo além do automatismo. O que é isto? É o movimento próprio do aluno. O mestre está interessado unicamente nesse movimento próprio.

Parece haver uma sucessão entre as atividades do treinador, do professor e do mestre. Para convivermos em sociedade, precisamos do treinador; para sermos úteis, precisamos do professor; e para falarmos com a nossa própria voz, precisamos do mestre. Ninguém se posta diante de um mestre, antes de ter sido treinado ou ensinado; e ninguém se torna mestre, sem antes ter sido treinador e professor. Nas atividades educacionais, vamos encontrar os três tipos e é importante que a divisão de trabalho atenda às necessidades a que eles se adequam. Um mestre será um fiasco como treinador; e um treinador como mestre. O professor, que contém um pouco dos dois tipos, permite uma certa flexibilidade na sua atuação.

As relações entre os três tipos tem por base a relação atividade/passividade. O treinador só pode realizar sua tarefa diante da receptividade completa, porque ele molda. Qualquer resistência frustra o treinamento. A resistência pode ser do corpo — rigidez — ou do espírito: um questionamento do tipo "por quê?" "para que serve?" A arma do treinador é a repetição. O professor demanda a passividade/receptividade diante da "lição". Mas também demanda a atividade. Enquanto o treinador apresenta exercícios em que o aspecto fundamental é quantitativo — rapidez, percentagem de respostas certas etc. —, o professor, ao lado de levar em conta o aspecto quantitativo, também se preocupa com o qualitativo: basicamente o movimento do aluno de ir do ensinado — do exemplo, do problema resolvido — ao não ensinado. Ele avalia o seu sucesso pela capacidade dos alunos de ir adiante da lição. O mestre só se ocupa com o não ensinado, isto é, com o tipo de comportamento necessário àquele que tem de enfrentar-se com o novo, com o ja-

mais visto. Seu terreno é o pensamento mas, às vezes, também a ação.

É possível que não exista — nem mesmo seja possível — um mestre puro. O que é mais concebível, é que a figura do mestre se faça presente em certos momentos em um professor. É possível que o professor se vá desenvolvendo até se tornar mais e mais um mestre.

Ao treinador cabe o treinando; ao professor, o aluno; e ao mestre, o discípulo. O objetivo do treinando é realizar os movimentos aprendidos excelentemente. O objetivo do aluno é dominar os conteúdos que lhe tiverem sido ensinados e ser capaz de aplicá-los a diversas situações ou mesmo fazer com que avance o conhecimento nesta área específica. O objetivo do discípulo é tornar-se mestre.

Quando se comparam as relações que se estabelecem entre aquele que aprende e aquele que ensina, nos três tipos definidos, verifica-se que as relações vão-se tornando mais pessoais desde o treinamento até a relação mestre-discípulo, que é pessoalíssima. Mas seria um erro pensar que a crescente pessoalidade das relações envolve uma comunidade de interesses imediatos. É na relação treinador-treinado que se encontra a comunidade de interesses imediatos: ambos aceitam e admitem servir de meio a um fim preestabelecido, que seria alcançado ou aproximado por intermédio do treinamento. Mas a comunidade de interesses imediatos não significa pessoalidade no relacionamento, pois se trata de uma associação do tipo comum nas sociedades. Nas relações professor-aluno, a pessoalidade toma outra forma: o conteúdo ensinado é objeto de simpatia de ambos e a comunidade que se estabelece é aquela que se dá entre gostos. Trata-se de uma afinidade, como aquela que aproxima as pessoas que estabelecem uma relação de amizade. Esta afinidade pode-se desenvolver, dependendo do contexto, em uma intimidade ou em uma familiaridade. A relação mestre-discípulo envolve não uma simpatia, mas um amor. A diferença entre a simpatia e o amor está em que não se pode viver sem o objeto do amor, enquanto as relações de simpatia são mais tênues e a separação do objeto não causa senão pequenos danos. O objeto comum por que tem amor o mestre e o discípulo é a liberdade. À medida que, em termos de pensamento, o gosto escraviza, a relação de

intimidade e familiaridade que é possível estabelecer-se entre professor e aluno, não é necessária e mesmo pode ser impeditiva nas relações entre mestre e discípulo. Portanto, a pessoalidade das relações entre mestre e discípulo não envolve nem intimidade nem familiaridade.

O mestre ensina a liberdade. Portanto, deve ser um admirável conhecedor da escravidão, das algemas, dos grilhões. Deve conhecer profundamente as masmorras. Como, entretanto, vê o mundo como estabelecido com base no amor, isto é, os movimentos mais profundos, mais permanentes e que não se vergam, tem em sua base o amor: ele sabe que os escravos amam os seus grilhões e algemas. Assim, o mestre deve também conhecer profundamente o ódio. Quem ama a liberdade, odeia o seu contrário. Quem ama a escravidão, odeia o seu contrário. E o amor não repousa enquanto não possuir o seu objeto; o ódio não repousa enquanto não destruir o seu objeto.

A cena do mestre compõe-se dos movimentos dirigidos à obtenção ou destruição, das fontes de movimentos que são o amor e ódio, e dos objetos de obtenção: a liberdade e a escravidão. Esta é a cena das guerras. Só se tornou mestre aquele que participou de guerras e sabe como nelas se conduzir. Conhece a elaboração de estratégias e, ao mesmo tempo, sabe como se haver em batalhas e escaramuças.

A liberdade e a escravidão dizem respeito a movimentos. A escravidão é um constrangimento ao movimento, sua cessação ou direcionamento segundo um fim que não lhe é próprio. A liberdade é a efetuação do movimento apropriado. No caso do pensamento, a liberdade é o movimento do espírito que o conduz a pensar o que deve ser pensado de acordo com o conceito ou a coisa pensada. Como somos finitos e nosso conhecimento é sempre parcial, a liberdade, como movimento, se apresenta como uma negação da parcialidade na direção de outro pensamento que se mostrará também como parcialidade. A parcialidade é uma negação presente em cada momento de nosso pensamento. A liberdade é um movimento que nega esta negação. Não existe liberdade no momento, mas apenas no movimento. Dessa forma, a liberdade não é uma

coisa a ser obtida. A escravidão também não é uma coisa. Mas se liberdade e a escravidão não são coisas, isto não implica que tenham um mesmo tipo de existência. A escravidão como constitui um obstáculo ao movimento ou se faz através de coisas ou, a nível do espírito, faz-se pelo correlato das coisas: as imagens. Assim, em todos os sentidos, a escravidão é a ação da inércia e o movimento se faz em relação a esta inércia. Mas esta relação não é exterior embora esteja presente no interior mesmo do movimento: o movimento é um conjunto de não-movimentos, negados a cada passo.

Portanto, não é dado a quem não conhece o não-movimento seu conhecimento verdadeiro. Este conhecimento, que é tanto teórico quanto prático, envolve nos dois casos uma tensão permanente.

O mestre ensina o movimento e o não-movimento, embora seu fim último seja ensinar o movimento adequado. Como não existe realmente um movimento inteiramente adequado, o mestre de fato ensina a negação. Não qualquer negação, mas uma negação que poderá produzir afirmações. A guerra, que é, entre os homens, a forma maior e máxima de negação, tem de ser assim extremamente familiar ao mestre. Só quem conhece intimamente a negação, os seus perigos de destruição e o seu caminho, pode compreender a sua positividade inerente. Por isso, o caminho que vai para a liberdade apresenta tantos riscos: a negação pode ser conduzida de modo formal, isto é, aniquiladora, e o resultado é a loucura ou a morte.

Enquanto o treinando sabe o que quer (o aluno sabe e também entrevê) o discípulo sabe e não sabe o que quer. Enquanto os dois primeiros põem unicamente à prova capacidades específicas cuja falência é a falência de meios, o discípulo põe em jogo todo o seu ser. Nesse sentido, ele vive uma aventura, onde a fortuna e os acidentes podem ter importância; e também se entrega a situações onde o controle é mínimo ou impossível. Como só conhece a liberdade quem a possui, o discípulo ama algo que desconhece. Apenas conhecendo a escravidão, a que odeia, também a ela o discípulo ama, porque para estar na escravidão é bastante amá-la. Evidentemente, ele conhece a liberdade, mas a conhece tão imperfeitamente que se pode afirmar que não a conhece. Ou melhor, co-

nheceu-a em momentos e, mais freqüentemente, dela se esquece. Em um sentido, as falhas na memória andam a serviço da escravidão e na liberdade a memória é perfeita. (Neste sentido, os budistas afirmam que a liberação se faz acompanhar na memória perfeita das vidas passadas. Santo Agostinho diz que a memória é a sede do espírito). O escravo é um que esqueceu.

O treinando e o aluno podem eventualmente tornar-se ou treinador ou professor. Não é seu objetivo necessário, ou a essência de sua finalidade. Caso decidam sê-lo ou sejam levados a isto por alguma contingência, o caminho de tornar-se passa pela imitação dos movimentos do treinador ou do professor, em um sentido mais simples e intuitivo, ou então pela apreensão e aplicação de técnicas e métodos. Já o objetivo do discípulo é tornar-se mestre, e no entanto não se pode pôr este objetivo, porque ao pô-lo irá frustrá-lo (ao objetivo). Porque não havendo métodos ou técnicas disponíveis e aplicáveis, o que lhe resta é a imitação. A imitação do mestre, através da cópia dos seus gestos e movimentos, constitui a forma máxima de submissão. Paradoxalmente, encontramo-nos diante de alguém que pretende aprender a liberdade através da submissão.

Não há, entretanto, outro caminho. A aprendizagem da liberdade tem de passar necessariamente pela escravidão, pela submissão. Os únicos meios que se encontram à disposição do mestre para conduzir o discípulo à liberdade são: ser livre — no que o discípulo tentará imitá-lo — e usar da negação. Portanto, esta forma mais elevada de aprendizagem apresenta-se, de um lado, muito próxima da forma mais inferior: a imitação, a macaquice. Esta macaquice é o passo necessário a que o mestre faça uso da negação. Uma negação — convém que se repita e que se sublinhe — que não é destruidora, mas contém em si a possibilidade de se tornar afirmação.

Nesse sentido, o bom discípulo tem de amar a submissão, tem de ser um bom escravo; tem de ter uma vastíssima experiência de submissão. E certamente a terá. Caso contrário não procuraria ou aceitaria um mestre. Enquanto o treinando e o aluno podem-se sentir, em aspectos particulares e mesmo globais, superiores aos

seus respectivos treinadores ou professores, a situação do discípulo é de extrema humilhação. Ele anda ou andou em busca de alguém absolutamente superior. Esta é a relação entre o escravo e o ser livre.

A relação entre mestre e discípulo é absolutamente cheia de riscos. O discípulo pode despertar no mestre o seu grandíssimo e antigo amor à submissão. Ao amar a submissão no discípulo, o mestre pode amar a dominação em si próprio. Mas ao amar a dominação em si próprio volta a amar a submissão em si próprio. Cada discípulo é uma tentação para o mestre. Neste sentido, quem aprende a liberdade tem de ter discípulos, porque a liberdade se afirma nestas tentações. E tê-los-á necessariamente porque as pessoas livres são objeto de adoração ou de submissão dos escravos e, dentre estes, alguns desejarão tornar-se seus discípulos.

O discípulo não tem de fato um conhecimento do mestre. Se o escolheu, não possui exata compreensão do que fez. Caso tivesse sido por referência, por ouvir dizer, ou pela propaganda de outros discípulos, a base de sua escolha teria sido muito frágil e tênue. Como não é possível estabelecer controle ou fazer verificações, e como os acidentes e a fortuna têm um papel tão grande — ou melhor, podem ter, mas não necessariamente têm —, todos estes relatos e afirmações são vazios. A única referência seria a seriedade. Mas o que é seriedade neste contexto em que a diferença das situações de treinamento ou de ensino, não pode ser objetivada na forma de uma continuidade ou de exercícios? A seriedade do mestre só existe de fato na certeza subjetiva do discípulo.

Dizem os orientais que quando o discípulo está pronto o mestre aparece. Talvez seja verdadeiro no Oriente. No Ocidente, e em termos diferentes dos orientais, isto é, em termos de pensamento, não há mais a valorização desta relação e, na verdade é ela vista como um sinal de tempos que têm de ser apagados e esquecidos. Rescende a coisas religiosas e, por envolver tantas questões relativas à escravidão e submissão, é profundamente malvista. No entanto, uma visão dialética do Iluminismo, no interior do qual parcialmente ainda estamos, obriga esta visão das relações entre mestre e discípulo conforme aqui se descreve e explica.

Portanto, um discípulo encontrará a maior dificuldade de achar um mestre. Encontra-se em nossos ambientes um bom número de discípulos em busca de mestres. Não que estejam de fato buscando a liberdade, que o mestre representa. O que buscam é um mestre a quem se submete e se apropriam da visão antiga dos mestres para justificar intimamente a sua submissão. Como a sua aproximação não está de fato baseada no amor à liberdade, mas no amor à submissão, e como a submissão ama extraordinariamente a submissão a ponto de jamais ficar satisfeita com o nível em que se encontra, os discípulos se apresentarão como continuamente insatisfeitos. Jamais encontrarão o mestre perfeito, porque cedo ou tarde exibirão o seu insaciável amor à submissão, a que nenhum mestre terreno jamais poderá atender.

Os movimentos mais freqüentes dos discípulos que buscam os mestres entre nós, são os que vão da idolatria à iconoclastia. De fato, é o que exatamente foi referido no parágrafo anterior. Trata-se de um relacionamento em que estão presentes apenas a afirmação formal e a negação formal. Pode-se supor, entretanto, que isto não se dará quando houver, da parte do discípulo, um autêntico amor à liberdade. A idolatria e a iconoclastia são movimentos de escravos.

O problema de encontrar mestres permanece. De há muito, sabe-se que as instituições não os vêem com os melhores olhos. Também o extremo crescimento dos sistemas de ensino pautou-se na ênfase dada aos treinadores e professores. E de fato não poderia ser de outra forma. O que se tem a observar é a mais completa inexistência desta tradição no Ocidente, de uma forma expressiva e permanente. É certo, porém, que no interior da filosofia algo desta natureza possa ser encontrado. No entanto, o domínio do cientificismo que envidou tornar a filosofia uma especialização dentre outras, colaborou decisivamente para aniquilar a que jamais fora muito forte.

A inexistência de mestres, deve-se, por conseguinte, aos vários fatores mencionados e que sumarizamos: falta de uma forte tradição no Ocidente e expansão do cientificismo. A expansão do cientificismo aparece como um movimento que se acompanhou do desenvolvimento tecnológico e o aparecimento da sociedade de

massas, com o seu estado do bem-estar e aquele movimento perpétuo de produção-consumo-produção, que Hannah Arendt aproximou do movimento de um organismo. No interior deste movimento, que sem dúvida corresponde ao que as sociedades que conhecemos tem de básico, não encontramos valores afirmados por e em si mesmos — que é o caso da liberdade, que vale por si mesma, que se deseja liberdade e que não é um meio —, mas sim uma cadeia interminável de meios e fins, de fins que se tornam a seguir meios para outros fins.

Esta visão da sociedade, que é compartilhada como visão e não como explicação ou em termos de solução por Marcuse, implica a perda da confiança no movimento da realidade, como se a negação tivesse sido congelada, como se a positividade tivesse finalmente engolido e digerido qualquer negatividade que se apresentasse. Um mundo sem negatividade, sem movimento, sem mudança constitui a essência mesma do pesadelo.

O pai de todos os pesadelos que nos acossam no presente — na forma do estruturalismo ou da escola de Frankfurt — é sem dúvida Nietszche. Como sói acontecer, os pesadelos têm a característica fundamental de ser extremamente próximos da realidade — porque senão ninguém jamais neles acreditaria — e no entanto lhes falta um elemento fundamental, o que os torna infiéis à realidade. O eterno retorno é, por exemplo, um pesadelo típico. O elemento que está ausente do quadro de Nietszche e que o presente aceitou em sua ausência, é a negação que supera em lugar da negação que aniquila. Possivelmente a não-compreensão desta negação, em toda a sua flexibilidade, versatilidade e surpresa conduziu muitos ao desespero, para o qual pensamento francês tem-se mostrado um formidável produtor de anteparos ideológicos.

O que parece difícil para muitos é admitir que nos encontramos no interior de uma crise que algum dia encontrará sua solução. Ou seja, que muitas das confusões de nossa época — que são confusões de fronteiras e definições — poderão ser superadas. Esta é a lição, talvez a única, que a história nos dá. E ela não nos dá lições de desespero. Pode dá-las àqueles que se entregam a sonhos da completa reconciliação, da plena justiça realizada — ou seja aqueles que de fato anelam pela imobilidade.

A crise em que vivemos todos neste planeta é basicamente de lugares, isto é, da ordenação de todos os espaços e de todos os movimentos. Não sabemos mais o que é ser pai, mãe, aluno, professor, dirigente e dirigido. Como não poderia ser, é uma quebra das separações e das hierarquias, sem as quais não é possível viver ou ser. A contrapartida intelectual desta situação é um questionamento total, em que os conceitos não encontram nem o repouso relativo. É uma espécie de dialética enlouquecida, onde se contrapõem como num remoinho teses e antíteses, sem qualquer síntese possível. Na raiz, parece que se perdeu a distinção fundamental entre homem e mulher, ou melhor e em última análise perdeu-se a fronteira entre a cultura e a natureza.

A maior confusão de nossa época é a identificação entre esta crise e a liberação. A liberdade de que falamos ao longo deste texto nada tem a ver com a liberação que hoje se idolatra. A liberação é um movimento contra: fronteiras, ordens e hierarquias. Nesse sentido é cega e dirigida por e para uma escuridão. Ela não apresenta em ritmo mas é a quebra de qualquer ritmo, porque ritmo é fundamentalmente ordem. A liberdade é um movimento próprio e representa um ritmo e, portanto, constitui uma ordem e funda uma hierarquia.

A "luz" da liberação não pode haver evidentemente mestres e relação mestre/discípulo. É uma competição entre todos com o propósito de ver quem vai mais longe no cortar das amarras, na negação do estabelecido. Trata-se da paixão desenfreada pelo negativo, da ânsia realmente insana de nela encontrar uma positividade. Os fenômenos chamados da contracultura assentam-se assim no próprio nada e pensam que sobre esta base algo pode ser construído. Citamos tais movimentos porque constituem algo que foi categorizado e portanto torna possível identificar do que estamos falando. Entretanto, o movimento é muito mais vasto e está presente em numerosos comportamentos da cultura urbana.

Esta paixão pela negação é de fato o sinal de uma impaciência. E se fôssemos definir a "virtude" mais amada de nossa época, é ela a impaciência. Já se deram inúmeras explicações para a impaciência que a todos acossa, especialmente em termos das ca-

racterísticas da sociedade de consumo e do desenvolvimento tecnológico. Marcuse, por exemplo, é sem dúvida um pensador da impaciência. E esta impaciência é dirigida tanto à história quanto à condição humana. Em geral, ela jamais leva muito longe.

É esta impaciência que exige uma solução para já, que vai tomar alguns elementos da crise como se já representassem a solução. Isto é de fato ignorar o que é a solução e como é improvável que se contentem todas as partes. Ressalve-se que o oposto a querer uma solução para já não é não querê-la jamais, mas sim começar a sua construção desde já.

A virtude principal do mestre é a paciência, a qual não é senão uma confiança nas coisas e no mundo. Por isto que hoje realmente não se encontram mestres e aqueles que assim se apresentam não são senão professores ou treinadores — que ensinam linguagens ou operações. O pressuposto fundamental do mestre é que o tempo ensina, que as coisas saem do seu curso e aí retornam. Em certos casos, muito do que o mestre tem a transmitir pode ser expresso em uma linguagem bem simples.

No entanto, há também entre nós um movimento pela simplicidade em todos aqueles que pretendem uma aproximação à natureza e se revoltam contra o que a tecnologia é capaz de nos oferecer. Este culto à simplicidade é sem dúvida outra das formas da paixão pelo negativo. De fato, a simplicidade não existe na aproximação do homem com o seu semelhante ou com as coisas. Ela apenas pode ser alcançada caso se cortem ou fragmentem as relações e se tome como o todo, o que é de fato apenas parte. Nesse sentido, o simples é apenas o terrivelmente abstrato, separado, cindido. A complexidade está tanto presente no machado de pedra do homem pré-histórico quanto na nave espacial. A complexidade básica é o encontro da inteligência e do afeto do ser humano com a coisa da natureza. Não há nenhum resultado deste encontro que não seja complexo, que não envolva um grande número de relações e significados.

Há, porém, uma simplicidade que não resulta da fratura do complexo mas no seu acabamento, na sua realização. Ela se apresenta quando o movimento se conclui, quando a totalidade que se está

fazendo se completa. É aquele momento do repouso, momento em que a ordem dos lugares se afirma e que aos antigos aparecia como a presença da eternidade. Confessamos que para nós é inteiramente incompreensível esta identificação do repouso e da ordem com a eternidade. Descobrimos que existe também uma ordem no movimento e a eternidade deixou de constituir preocupação.

Por estarmos em crise e por ainda não crermos inteira e suficientemente que ela será um dia superada, não mais acreditamos nas totalidades que se completam, nos repousos que são atingidos para que o movimento recomece segundo outras ordens e outros ritmos. Esta atitude representa fundamentalmente uma descrença no mundo e, por conseguinte, em nossas faculdades e em nossa ação. Nesta condição, mestre algum poder-se-á fazer presente ou ao menos será visto. Apenas tiranos, verdugos e falsos salvadores. Ou aqueles que se têm apresentado como seus companheiros ideais: os técnicos.

COMUNICAÇÃO EM PROSA MODERNA

Othon M. Garcia

5.ª edição

Obra revolucionária no campo da expressão em língua portuguesa, ensina não apenas a escrever, mas principalmente a pensar com eficácia e objetividade e a escrever sem a obsessão do purismo gramatical, mas com clareza e a coerência indispensável a fazer da linguagem, oral ou escrita, um veículo de comunicação e não de escamoteação de idéias.

À venda nas livrarias

Pedidos para a Editora da Fundação Getulio Vargas

Praia de Botafogo, 188

Tel.: 266-1512 — R. 110

C.P. 9.052 — ZC-02 — RJ